Boletim Adventista

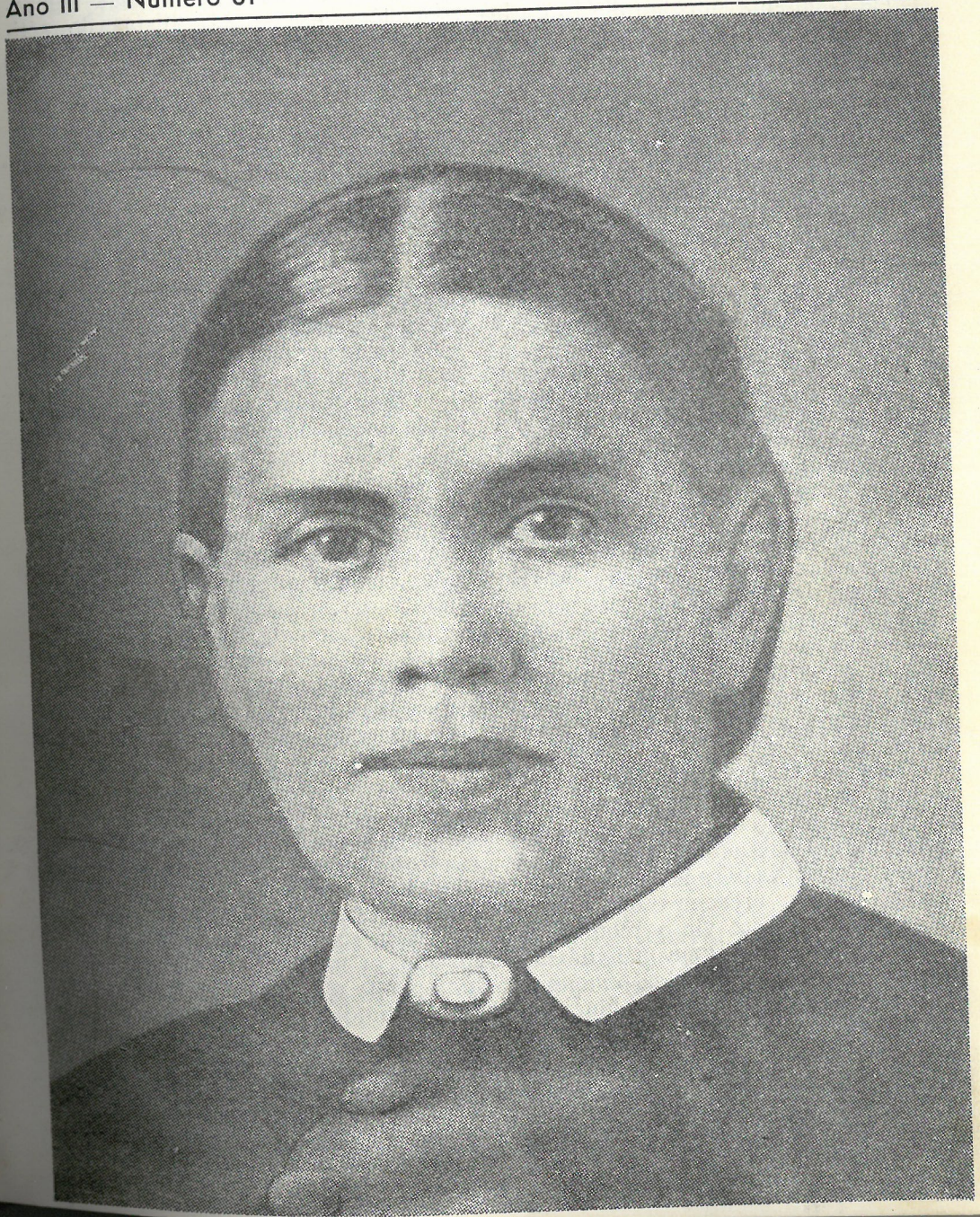
Director e Editor: Ernesto Ferreira
Proprietária: Casa Publicadora Angolana
Redacção e Administração: Missão Adventista
C. P. 3 - Nova Lisboa

Composição e Impressão: Missão do Bongo
Lépi

NÚMERO AVULSO . . . . . 2$00
ASSINATURA ANUAL . . . . . 20$00

Ano III — Número 31

Julho de 1965



ELLEN G. WHITE

(1827 - 1915)

O retrato de Ellen Gould White, que aparece na capa do nosso Boletim, constitui uma merecida homenagem à serva do Senhor, neste mês em que se comemora o cinquentenário da sua morte.

Há cinquenta anos, no dia 16 de Julho de 1915, sexta-feira à tarde, Ellen G. White, na sua residência em Elmshavem, perto de Santa Helena, no norte da Califórnia, desapareceu do número dos vivos. A sua morte foi o termo de um período de serviço activo e abnegado, que durou setenta anos. Ellen White viu a denominação formar-se nos dias críticos do fim de 1840 e acompanhou de perto os crentes sinceros que, com jejum e oração, examinaram detidamente as Escrituras e deram corpo a um conjunto sólido de doutrinas.

As suas mensagens inspiradas, baseadas em visões vindas de Deus, levaram os pioneiros a adoptar a organização que temos actualmente, a iniciar a obra médica e a obra educacional. Hoje, as nossas casas publicadoras, hospitais e sanatórios, escolas, colégios e universidades, em todo o mundo, demonstram cabalmente que as mensagens eram de Deus.

As suas cartas de reprovação mantiveram a igreja pura e ajudaram os membros a adoptar normas elevadas. Os seus avisos quanto ao futuro, alertaram a Igreja para as oportunidades e perigos à sua frente.

Homens e mulheres tementes a Deus creram, de todo o coração, que Deus lhes falava através do Espírito de Profecia, como no passado falara a patriarcas e profetas. Na base firme desta convicção, a igreja cresceu e desenvolveu-se. Ellen White viu o número de membros crescer de uma meia dúzia a 135.000 membros. Nestes cinquenta anos, desde a sua morte, o número de membros aumentou para cerca de um milhão e meio e os meios para propagar a tríplice mensagem angélica também aumentaram proporcionalmente.

Os escritos da pena incansável de Ellen White, em inglês e em dezenas de outras línguas para que foram traduzidos, têm tido uma saída cada vez maior, após a sua morte. A distribuição fenomenal dos seus livros, testemunham do valor que as suas mensagens têm para os adventistas do sétimo dia espalhados pelo mundo.

Ellen White nunca foi eleita ou nomeada para ocupar qualquer cargo oficial na denominação. A sua ordenação proveio de fonte mais elevada do que a imposição das mãos. Ela ocupou no nosso meio o lugar de uma mensageira de Deus para a igreja remanescente. O seu chamado especial para o cargo profético nunca a levou a afastar-se dos humildes, pois ela pertencia ao seu número — uma mãe no lar, uma vizinha e uma amiga na comunidade, sempre pronta a prestar ajuda.

Como oradora ela era muito apreciada, mesmo fora do círculo denominacional. Um escritor profano, na época em que foi tirada a fotografia que inspirou o retrato que hoje publicamos, afirmou que ela era «uma das poucas senhoras que obtiveram êxito neste país, como conferencista, nos últimos vinte anos».

Vitoriosamente, Ellen White aproximou-se do fim da jornada, com plena confiança nos destinos da igreja e, usando as suas próprias palavras, nos «nossos homens de mentes sólidas» que «sabem o que é bom para a elevação e edificação da Obra».

As suas últimas palavras foram: «Eu sei em quem tenho crido».

Durante setenta anos, ela testemunhou a influência do seu ministério e, olhando confiantemente para o futuro, escreveu: «Seja a minha vida poupada ou não, os meu escritos falarão constantemente e a sua influência continuará enquanto durar o tempo». Quão verdeiras foram estas palavras proféticas, pois na verdade, falam hoje mais alto e com mais actualidade do que nunca, continuando a dar directrizes seguras à igreja que ela tão fielmente serviu!

A Vida e a Obra de Ellen G. White

por João Tabuenca

Foi no decorrer do ano de 1842 que o Senhor quis dar luz e direcção aos crentes adventistas antes do grande desapontamento de 1844. Através de um sonho profético o Senhor falou a Guilherme Foy, de Boston, Massachusetts, mostrando-lhe a viagem do povo de Deus até a Santa Cidade. Recebeu duas visões. Grande multidão se reuniu para ouvi-lo falar e contar o que vira a respeito do Céu e da Terra renovada. Pouco antes do desapontamento de 1844, Deus lhe deu uma terceira visão, mostrando-lhe três plataformas. A visão representava a obra dos três anjos de Apocalipse 14, mas Foy não pode compreendê-la porque esperava que Jesus viesse muito em breve. Entretanto não fez esforço algum para contá-la aos outros.

Pouco antes do grande desapontamento de 22 de Outubro de 1844, Deus deu três visões a Hasen Foss, de Maine. Foss cria que o Senhor viria nessa data. Parecia que este homem fora favorecido por uma série de características pessoais para ser o verdadeiro instrumento de Deus. Foi-lhe revelada a viagem que o povo de Deus realizaria para chegar à Santa Cidade e também apresentados os perigos que teria de enfrentar. Apresentaram-se-lhe as dificuldades e perseguições que ele enfrentaria, caso relatasse fielmente o que lhe fora mostrado. Da mesma maneira que Foy, Hasen Foss viu três plataformas nas quais o povo de Deus devia passar à medida que se aproximasse da cidade. Entretanto ele não aceitou a tarefa que lhe fora confiada, e recusou-se a relatar a visão.

Pela segunda vez recebeu a mesma visão, e foi-lhe dito que se se recusasse a falar, ficaria livre da responsabilidade. Tornou a recusar. E na terceira visão foi-lhe dito que estava livre, e que a responsabilidade de comunicar a visão recairia sobre «a mais fraca das fracas», cumprindo ela com o pedido divino. Foss raciocinou tarde demais e quando sentiu que Deus Se apartara, tirando-lhe o poder e a missão conferidos, por não mostrar-se digno de seu elevado encargo, exclamou: «Sou um homem perdido!»

Alguns meses depois do desapontamento, Deus chamou uma terceira pessoa para que fosse Sua mensageira. O chamado ocorreu durante uma reunião de oração em que cinco mulheres piedosas pediam mais luz. Isto aconteceu em Portland, Maine, na casa da Sra. Haines. A menina Ellen Gould Harmon (que depois tornou-se Sra. Ellen G. White), de 17 anos de idade e de saúde precária, estava nesse grupo de oração. Sua saúde foi gravemente perturbada por um acidente que teve aos 9 anos de idade e que a prejudicou para o resto da vida. Ellen viu em visão grande parte do que Deus revelara a Foy e Foss. Quanto consolo e luz receberam tanto ela como as pessoas a quem relatou a visão! Quão oportuna foi esta mensagem para aquela hora amarga! Foi esta a primeira de umas mil visões que esta mensageira de Deus recebeu, «a mais fraca das fracas», durante os 72 anos subsequentes de sua vida. Durante este tempo escreveu umas cem mil páginas repletas de conselhos divinos para o povo de Deus, as quais se acham nuns 53 livros que legou à igreja remanescente.

A vida de Ellen G. White foi preparada para a grande missão que Deus lhe confiaria. Aos 9 anos recebeu uma pedrada no rosto que prejudicou a sua saúde para o resto dos seus dias. Aos 11 anos experimentou o que era a conversão e aos 12 foi baptizada na igreja metodista. Aos 13 anos ouviu Guilherme Miller realizar a sua segunda série de conferências em Portland, Maine. Sentiu então que não estava preparada para a vinda de Jesus. Sua alma tinha sede da salvação, mas não sabia como aceitá-la. Durante quatro anos e meio — a época mais impressionante de sua vida — o interesse absorvente de Ellen era de preparar-se para a vinda de Cris-

to e fazer sua parte em tornar o Salvador conhecido aos outros. Providencialmente foi induzida a buscar conselho e gozo na antecipação da glória futura que para ela era uma viva realidade.

Aos 17 anos, prostrada em oração, ficou inconsciente de tudo quanto a rodeava e recebeu a primeira visão referente ao que experimentaria no futuro e à vinda de Cristo. Considerada à luz das circunstâncias, não se tratava de uma mensagem comum; em verdade era fora do comum.E depois de uma luta contra sentimentos naturais de timidez, contou esta visão ao grupo de crentes adventistas de Portland. Como conheciam tanto o carácter como a profunda experiência cristã da mensageira, reconheceram que era digna de confiança e uns sessenta deles deram as boas-vindas à visão como se correspondesse a uma mensagem do Céu.

Há dois perigos que ameaçam os que buscam a verdade. De um lado está o perigo de rejeitar temeràriamente a verdade e de outro, o perigo de aceitar cegamente o que é falso. Por isso, a mensagem de Deus é bem clara neste sentido: «Amados, não creiais a todo o espírito, mas provai se os espíritos são de Deus; porque já muitos falsos profetas se têm levantado» (I S. João 4:1). A fim de evitar que Seus filhos aceitem uma falsificação subtil, o Senhor acrescenta esta recomendação: «Examinai tudo; retende o bem» (I Tess. 5:21).

Na vida e obra desta mulher extraordinária existe uma sólida base de confiança para quem sinceramente anela conhecer a verdade a respeito do maravilhoso dom conferido à igreja remanescente. Ellen G. White faleceu em 1915, com a idade de 88 anos, tendo dedicado mais de 70 anos ao ministério activo na causa de Deus. No decorrer de sua vida frutífera, saíram de sua pena milhares de páginas repletas de mensagens inspiradas, e conselhos, destinados a dirigir, orientar, admoestar e repreender. Tomando em consideração a cultura e circunstâncias de sua vida, anteriormente assinaladas, coloca os que têm tido o privilégio de relacionar-se intimamente com seus escritos, sobre a sólida base de confiança expressa pela Palavra de Deus em Isaias 8:20 e Mateus 7:15-21, para prová-la amplamente e saber distinguir e defini-la como uma verdadeira mensageira de Deus. Sua experiência cristã e carácter se associam aos méritos já mencionados para crer que suas afirmações de ter recebido visões celestiais ficam fora de toda a dúvida. Nela encontramos a exemplificação de uma vida cristã coerente. E desde sua conversão, notou-se nela o começo de uma experiência cristã fora do comum para uma menina da sua idade.

Não se pode negar que havia um poder sobrenatural relacionado com suas visões. Centenas de pessoas puderam atestar certos fenómenos físicos ocorridos durante as mesmas. Alguns desses fenómenos têm um maravilhoso paralelo com os mencionados na Bíblia. O apóstolo, ao se referir à sua própria experiência, disse: «... mas passarei às visões e revelações do Senhor. Conheço um homem em Cristo que... (se no corpo não sei, se fora do corpo não sei: Deus o sabe) foi arrebatado até ao terceiro Céu...Foi arrebatado ao paraíso; e ouviu palavras inefáveis, de que ao homem não é lícito falar» (II Cor. 12:1-4). Assim também a Sra. White, enquanto se encontrava em visão, estava alheia do que a rodeava e parecia estar vendo cenas celestiais que ia descrevendo com uma expressão de doçura na face.

Outra admirável manifestação do poder sobrenatural constituía o facto de que durante as visões, conquanto durassem horas, jamais respirava, ainda que estivesse falando. A ciência não pode explicar isto. O profeta Daniel, falando de si mesmo enquanto se encontrava em visão disse: «...porque agora não resta força em mim, e não ficou em mim fôlego. E uma como semelhança de um homem me tocou outra vez, e me confortou» (Dan. 10:17 e 18). Que notável contraste com os médiuns espíritas modernos que pretendem ser os videntes bíblicos de outrora! Enquanto visitava, durante uma série de conferências realizada na cidade de Buenos Aires, várias pessoas que me deram seus nomes para que as visitasse, deparei-me com a desagradável surprêsa de chegar a casa de um médium espírita. Qual não foi a minha impressão, quando pouco

depois de iniciada a conversa, a pessoa a quem visitava, com olhos e expressão de pessoa sobressaltada, me disse: «Tenho que lhe comunicar uma mensagem». Em seguida entrou em transe sentado a meio metro de distância de mim. Encomendei-me ao cuidado de Deus, sendo testemunha ocular do notável contraste que havia entre ele e o verdadeiro instrumento de Deus. Notei como fechou os olhos, sua face denotava um sofrimento intenso, respirava fortemente e na comissura de seus lábios aparecia um pouco de espuma. Depois de sair do transe que durou uns 10 minutos, perguntei-lhe: «Que mensagem tem para me comunicar?» A resposta foi: «Não sei, porque o espírito se apossou de mim e não sei o que disse». De maneira inesperada foi-me dado ver a notável diferença entre o falso e o verdadeiro.

Os fenómenos físicos que acompanhavam as visões da Sra. White não se apresentavam por si mesmos como evidências concludentes do poder divino: sòmente são mencionados por seu notável paralelismo com o caso dos profetas bíblicos. O pastor Artur G. Daniells, que foi presidente da Conferência Geral durante 21 anos e chegou a conhecer de perto Ellen G. White, dela disse o seguinte: «Nossa própria conclusão, baseada em seus escritos, e em observações pessoais que abrangem mais de cinquenta anos, é que nunca na história da igreja, Deus falou mais abertamente a seu povo, advertindo-o dos perigos, elevando a norma de justiça e dirigindo a obra confiada a sua igreja na Terra, do que o fez mediante este instrumento de Sua escolha.— *El Permanente Don de Profecia,* pág. 303.

Numa síntese da vida e obra da Sra. Ellen G. White, podemos dizer que as suas obras estão plenamente em harmonia com as verdades básicas apresentadas na Bíblia, abrangendo a acção universal da igreja de Deus com a qual se identificou inteiramente, aperfeiçoando a evangelização mundial, expondo um programa missionário a todo o mundo, prescrevendo a ordem na igreja, dando sábio conselhos sobre a obra de publicações, pugnando pela educação em matéria de saúde e temperança, defendendo os princípios de um viver sàdio, sendo a administradora de várias instituições que deram hierarquia a projectos missionários de alcance mundial, intervindo providencialmente em momentos precisos com conselhos sobre instituições, designando pessoas e lugares até então desconhecidos.

Seus conselhos se fizeram sentir em horas de crises tremendas e nos salvaram de doutrinas e filosofias alheias à Palavra de Deus. Enalteceu a unidade do povo de Deus e seu extraordinário planejamento e organização mundial sob a direcção de Deus. Seus conselhos nos salvaram da desorientação. Também não deixou de tomar interesse pela posição social da família. Com sua pena vigorosa combateu a escravidão, o sistema de castas, os preconceitos raciais, a opressão ao pobre, o abandono dos desafortunados e apresentou um vastíssimo panorama de valores éticos, sociais e espirituais do mais alto valor. Realmente, «pôs-se em contacto com a humanidade em toda as suas necessidades e a elevou ao mais alto nível».

Jamais a irmã White assegurou ser a dirigente da Igreja Adventista. Vez após vez definiu sua obra com uma simples palavra — a de uma mensageira que expressava a mensagem de Deus para que seu povo fosse conduzido a Cristo. Não houve exaltação própria. O agente escolhido por Deus foi fiel à tarefa designada. Quantas vezes expressa em seus escritos, suas características humanas falíveis e quantas vezes sentiu a própria necessidade da graça perdoadora e poder mantenedor de Deus!

Seus escritos não constituem um substituto da Palavra de Deus nem uma nova regra de fé, mas têm o propósito de elevar o nível espiritual da igreja, instruí-la, corrigi-la e guiá-la de uma maneira especial no meio dos perigos dos últimos dias. Seus escritos «levam ao mais alto nível moral, desaprovam toda a espécie de vício e exortam à prática de toda a virtude. Mostram os perigos pelos quais temos de passar em nossa viagem até ao reino. Revelam as artimanhas de Satanás e nos previnem contra suas ciladas. Protegem-nos de homens e movimentos fanáticos e absurdos. Acusam iniquidades ocultas e tra-

zem à luz erros encobertos, revelando os objectivos dos infiéis. Repetidamente têm movido a igreja a uma maior consagração a Deus e a fazer esforços mais diligentes em favor dos perdidos e desgarrados».

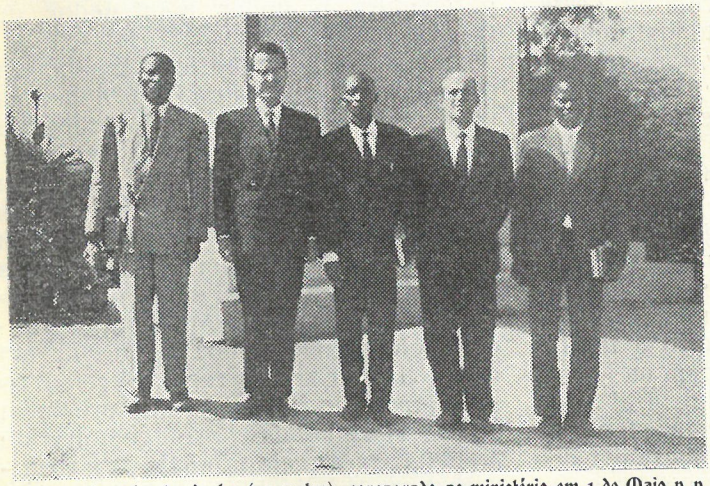
Na *Review and Herald*, de 26 de Julho de 1906, a Sra. White expõe em amplos detalhes a obra para a qual fora chamada. Destacamos as seguintes declarações: «Alguns têm duvidado pelo facto de que não asseguro ser profetisa; e perguntam-se a si mesmos, por que é isto assim? Não tenho declaração a fazer senão que sou a mensageira do Senhor; de que Ele me chamou na juventude para ser Sua mensageira, receber Sua palavra e dar uma clara e dedicada mensagem no nome do Senhor Jesus... Por que não afirmei ser uma profetisa? Porque muitos dos que hoje declaram com ousadia serem profetas, são uma ofensa para a causa de Cristo; e porque minha obra inclui muito mais do que a palavra 'profeta' significa... Afirmar que sou uma profetisa é alguma coisa que nunca fiz. Se há os que assim me chamam, não os reprovo. Entretanto minha obra abrange tanto campo de acção que não posso considerar-me de outra maneira a não ser portadora da mensagem do Senhor a Seu povo ou sublimar a obra em qualquer ramo que o Senhor designe».

Enfrentando uma objeção, que escutamos com relativa frequência no sentido de que a Bíblia é suficiente e que nela está expressa toda a vontade de Deus para o homem e que, portanto, não necessitamos dos escritos da Sra. White, creio ser oportuno acrescentar a seguinte declaração de sua pena: «A Palavra de Deus é suficiente para iluminar o espírito mais obscurecido, e pode ser compreendida por todo o que sinceramente deseja entendê-la. Mas, não obstante isto, alguns que dizem fazer da Palavra de Deus o objecto de seus estudos, são encontrados vivendo em oposição directa a alguns de seus mais claros ensinos. Daí, para que tanto homens como mulheres fiquem sem escusa, Deus dá testemunhos claros e decisivos, a fim de reconduzi-los à Sua Palavra, que negligenciaram seguir». — *Testemunhos para Igreja*, pág. 20.

Nós, os que vivemos nos dias finais da História, que vemos cumprirem-se os sinais do breve regresso de Jesus, somos imensamente gratos à orientação segura que encontramos em abundância nos escritos de Ellen G. White. Agradecemos a luz e a bênção que têm trazido a nossas vidas. E almejamos de todo o coração enfrentar a vida e a morte com a coragem com que ela o fez.

Pouco antes de deixar este mundo declarou: «Não tenho nenhum pensamanto desanimador nem tristeza... Não tenho nada de que me lamentar. Que o Senhor realize Sua vontade e obra em mim para que seja acrisolada e purificada; isto é tudo o que desejo. Sei que meu trabalho está cumprido; de nada vale dizer coisa alguma a mais». — *Life Sketches*, pág. 444.

Estas palavras, juntamente com o exposto em seus escritos, revelam fielmente a vida e obra deste singular instrumento de Deus. Permita o Senhor que façamos devido uso de seus escritos e em sinceridade sigamos seus conselhos, especialmente nestes dias, os mais difíceis da história da humanidade. «Crede no Senhor vosso Deus, e estareis seguros; crede nos Seus profetas, e sereis prosperados» (II Crón. 20:20).



Pastor Jeremias da Cunha (ao centro), consagrado ao ministério em 1 de Maio p. p.

A ESCOLA SABATINA COMO INSTRUMENTO DE EVANGELIZAÇÃO

A finalidade suprema do nosso trabalho é a evangelização. Toda a organização, por mais perfeita que seja; todos os Departamentos, apesar da sua reconhecida utilidade, como sucede com os Departamentos Médico e de Educação; todos os aspectos financeiros da Igreja — serão de bem pouca utilidade se não resultarem em almas ganhas para Cristo.

Dispendem-se grandes somas com a intenção de atingir esse objectivo. Há, porém, um meio que, longe de ser dispendioso, ajuda financeiramente a Obra, e constitui um esplêndido instrumento de evangelização. Referimo-nos à Escola Sabatina.

Lemos no Espírito de Profecia: «A Escola Sabatina deve ser um dos maiores instrumentos, e o mais eficaz, em levar almas a Cristo». — *Conselhos sobre a Escola Sabatina*, pág. 10.

Se nos lembrarmos que pràticamente todos os candidatos ao baptismo são membros da Escola Sabatina, é lógico concluir que quantos mais membros da Escola Sabatina tivermos, mais candidatos ao baptismo haverá.

E se para o baptismo é necessário que o candidato já esteja seguindo todos os princípios da Igreja — tais como a guarda do Sábado, a entrega fiel do dízimo, a constituição da família segundo os padrões bíblicos, a reforma da saúde — o mesmo não se exige para que alguém seja membro da Escola Sabatina.

Daí a vantagem de se convidar o maior número de pessoas para se tornarem membros da Escola Sabatina.

Diversos passos podem ser dados nesse sentido. As visitas missionárias, as campanhas de evangelização, a Hora da História Bíblica, a Escola Bíblica de Férias, podem ser outras tantas ocasiões para a inscrição de novos membros.

Há muito a explorar no domínio das Escolas Sabatinas Anexas. Há quem considere este aspecto do trabalho como o mais promissor campo de evangelização do futuro.

Nas Escolas Sabatinas Regulares, tanto quanto possível, o obreiro deveria ocupar-se da classe das visitas, a fim de as encaminhar para as classes de Ouvintes e Baptismal.

Há planos para se prepararem trimensários especialmente adaptados às Escolas Sabatinas Anexas e à classe de visitas, que, sem dúvida, ajudarão a criar interesse e a ministrar instrução adequada.

Lembremo-nos, finalmente, de que «depois de os professores da Escola Sabatina terem ensinado as lições... apenas iniciaram o seu trabalho». — *Conselhos sobre a Escola Sabatina*, pág. 37. Torna-se necessário o contacto pessoal, a atenção ao desenvolvimento espiritual do membro, até que este se integre plenamente no grémio da Igreja.

Felizes os obreiros que fazem da Escola Sabatina o seu instrumento predilecto de aquisição de almas para Cristo!

Ernesto Ferreira

Perigos das bebidas alcoólicas

Vitória sobre o Vício do Álcool

O álcool não tem poupado à sua vítima nenhuma espécie de sofrimentos: dores e mau funcionamento do corpo; perturbações da sua mente; perda de capacidade para o trabalho; vida miserável no lar; pobreza; falta de respeito próprio; descontentamento com a vida.

Quem lhe dera poder sair daquele inferno! Mas sente que isso é impossível e vive desanimado.

Ora é precisamente a essas pessoas abatidas, convencidas de que jamais conseguirão a vitória, que se dirigem as linhas que vão seguir-se.

E desejo começar por uma palavra de encorajamento: há esperança para todos, mesmo para aqueles que mais baixo cairam.

Vejamos com cuidado o que há a fazer.

Em primeiro lugar, o alcoólico, embora tenha a vontade fraca, ainda desfruta de uma faculdade preciosa — a da decisão. *Decida deixar de beber completamente para o resto da vida.* Se decide deixar de beber em exagero para beber apenas moderadamente, nunca poderá alcançar a vitória. Como lemos na Sagrada Escritura: «Convertei-vos de *todas* as vossas transgressões e a iniquidade não vos servirá de tropeço.» (Ezequiel 18:30.) Repetimos: a decisão tem que ver com deixar *toda* a espécie de bebidas alcoólicas e para *toda* a vida.

Uma vez tomada esta resolução, faça uma confissão completa dos seus erros a Deus e às pessoas a quem tenha prejudicado com o seu vício. A fim de ter forças para o futuro, tem de arrumar o passado, e o passado não pode arrumar-se sem confissão. «O que encobre as suas transgressões nunca prosperará; mas o que as confessa e deixa alcançará misericórdia.» (Provérbios 28:13.) E qual é a promessa relacionada com a confissão? «Se confessarmos os nossos pecados, Ele é fiel e justo para nos perdoar os pecados e nos purificar de toda a injustiça.» (I João 1:9.)

Feito isso, o alcoólico tem de reconhecer humildemente que, sòzinho, não pode vencer-se. Vezes sem conta, ele tem feito a mesma constatação que o apóstolo Paulo: «O que quero isso não faço, mas o que aborreço isso faço... Miserável homem que eu sou! Quem me livrará?» (Romanos 7:15, 24.) «A carne cobiça contra o espírito e o espírito contra a carne; e estes opõem-se um ao outro, para que não façais o que quereis.» (Gálatas 5:17.)

Quando se esquece de que sòzinho não pode vencer, e nutre confiança própria, está ainda em perigo. Não é verdade que «enganoso é o coração, mais do que todas as coisas e perverso? Quem o entenderá?» (Jeremias 17:9.)

Tem então de aceitar um poder superior — o poder divino. Deus torna-Se acessível ao homem por meio de Jesus — revelação do poder e amor de Deus. Considere o alcoólico como dirigidas

pessoalmente a si as palavras do Divino Mestre: «Vinde a Mim, todos os que estais cansados e oprimidos e eu vos aliviarei.» (Mateus 11:28.) «O que vem a Mim, de maneira nenhuma o lançarei fora.» (João 6:37.)

Escudado no Salvador, o mesmo apóstolo Paulo que, sòzinho, não podia vencer-se, exclamava: «Posso todas as coisas n'Aquele que me fortalece!» (Filipenses 4:13.) Graças ao Senhor, o mesmo pode dizer o alcoólico.

Em contacto com esse poder por meio da fé e da oração, faça agora o que estiver ao seu alcance.

Não gaste as suas energias com a preocupação da longa luta a travar. Faça planos apenas para o dia de hoje. «Não vos inquieteis pelo dia de amanhã, porque o dia de amanhã cuidará de si mesmo. Basta a cada dia o seu mal.» (Mateus 6:34.) Verá que assim a luta se torna mais fácil.

Tenha cuidado com a alimentação. Esta deve ser nutritiva, mas não estimulante. Os condimentos fortes despertam a desejo da bebida.

Beba bastante água, leite e refrescos.

Quando se sentir atormentado, coma doces, pois os alcoólicos habituaram o organismo a grandes quantidades de açúcar, de que carecem quando deixam de beber.

Na luta dos primeiros tempos, o corpo pode ficar doente, os nervos abalados. Talvez necessite de algum tratamento médico — de medicamentos para acalmar os nervos e abrir o apetite.

É possível que antes tenha recorrido ao álcool devido a qualquer situação que lhe causava tensão nervosa — desavenças familiares, a morte de um parente, falta de emprego, dívidas, etc. Procure encarar a situação e assumir a atitude de espírito mais adequada. Lembre-se de que não há problema nenhum que não tenha solução, se a procurarmos com espírito razoável.

Ao travar a luta contra o álcool, é muito importante fugir das ocasiões. Lá diz o Sábio: «Tomará alguém fogo no seu seio, sem que os seus vestidos se queimem? Ou andará alguém sobre as brasas, sem que se queimem os seus pés?» (Prov. 6:27, 28). Não passe pela rua onde se encontra o bar ou loja onde costumava beber; não tenha em casa garrafas com bebidas, e nisso é necessário que a família colabore; fuja até do cheiro do álcool; não ande com as companhias com quem costumava beber.

Tendo feito isto tudo, começou o caminho da vitória. Mas quantas vezes sucede que nesta fase inicial o pobre alcoólico, que tanto tem lutado, vem a recair. Não desanime. Uma alma desanimada é uma alma vencida. Olhe mais uma vez para cima. «Meus filhinhos, estas coisas vos escrevo para que não pequeis; e se alguém pecar, temos um Advogado para com o Pai, Jesus Cristo, o justo». (I João 2:1). Como escrevia o apóstolo Paulo: «Esquecendo-me das coisas que atrás ficam, e avançando para as que estão diante de mim, prossigo para o alvo». (Filipenses 3:13, 14). Não desanime, pois; volte à luta e o Senhor lhe dará a vitória.

Procure ajudar outros, sobretudo aqueles que estão passando pelas mesmas dificuldades. Agora que está no bom caminho, indique-o aos seus semelhantes. E pelo facto de ajudar ao próximo ajuda-se a si mesmo.

Encontrará finalmente a vitória. E quando a encontrar, olhará para o passado como um pesadelo a que não deseja voltar; desfrutará de novo de alegria, de saúde, de eficiência; o lar apresentar-lhe-á novos encantos; a vida oferecer-lhe-á mais belas esperanças.

Mas lembre-se: não confie nunca em si mesmo. Dependa sempre de Deus. Porque, se obteve a vitória, deve-a, não a si, mas e Deus. Para Ele, pois, reverta toda a glória.

«Ora Àquele que é poderoso para vos guardar de tropeçar, e apresentar-vos irrepreensíveis, com alegria perante a Sua glória, ao único Deus, Salvador nosso, por Jesus Cristo, nosso Senhor, seja glória e majestade, domínio e poder, antes de todos os séculos, agora, e para todo o sempre. Amen». (Judas 24, 25).

E. F.

Visado pela Censura

O Testemunho que não foi lido

por Artur L. White

Esta é a história de Estêvão Smith. Foi arranjada segundo os registos dos primitivos dias, como se encontram no arquivo de manuscritos das publicações de Ellen White. Usamos o seu nome com expressa permissão dele.

Foi em 1850 que Estêvão Smith, homem de meia-idade, aceitou a terceira mensagem angélica. Ele amava a verdade do sábado, e regozijava-se na mensagem do advento. Também a senhora Smith e os filhos amavam esta verdade. Residiam nas vizinhanças de Washington, New Hampshire, onde os adventistas começaram a observar o sábado, em 1844.

Naqueles primitivos dias, porém, como acontece por vezes hoje, ouviam-se vozes discordantes quando, aqui e ali, alguém aparecia com uma chamada nova luz. Estêvão Smith foi removido da sua firmeza com alguns ensinos assim acerca do advento espiritual de Cristo, e começou a pregar esses novos mas estranhos pontos de vista. Havendo-se desviado de um dos pontos fundamentais da mensagem, empregou a sua influência para solapar a sua confiança nos dirigentes da obra, criticando especialmente o Pastor e a Sr.ª White.

Encontramo-lo a seguir em uma conferência dos crentes realizada em Washington, New Hampshire, em fins de Outubro de 1851. Reuniam-se ali setenta e cinco dos crentes, vindo alguns de outros Estados. Ali se achavam o Pastor e a Sr.ª White. Estêvão Smith era acerbo em sua crítica e oposição. Era ardoroso na promulgação dos seus discordantes pontos de vista. Perto do fim do sábado, a Sr.ª White foi tomada em visão, sendo-lhe revelado o estado de coisas em Washington. Em palavras positivas, ela disse aos irmãos o que lhe fora mostrado. O registo escrito daquele dia, reza: «A visão teve um poderoso efeito. Todos confessaram a sua fé nas visões, excepto o irmão ..... e Estêvão Smith». Antes do final da conferência, o grupo reunido, em razão das suas ideias discordandes, retirou a mão da confraternidade ao irmão Smith. No ano seguinte, porém, depois do que parecia uma mudança de coração e profunda confissão, ele estava de volta à igreja, mas não por muito tempo.

Apegando-se ao Sábado, mas em acerba oposição às visões, o pobre Sr. Smith prontificou-se a unir-se a este grupinho e àquela separada facção, cada um dos quais pretendia possuir nova luz para o povo de Deus. Não via necessidade do Espírito de profecia. As suas simpatias foram, primeiro, para o Grupo do Mensageiro, até que este se desfez. Esposou a fixação da data de 1854, até que isto sofreu colapso, e depois ligou-se ao Grupo Marion, com os seus ensinos avessos à organização, ao santuário e ao Espírito de profecia. A verdadeira natureza desses ensinos discordantes foi claramente vista pela igreja, à medida que o Senhor revelou pelas visões da Sr.ª White a sua real significação, mas o Sr. Smith não sentia necessidade dessas advertências e conselhos.

Ora, o Senhor amava Estêvão Smith. Durante esta época de vacilações e de simpatias alienadas, foi dada à irmã White uma visão mostrando o resultado final do seu procedimento, mas assegurando-lhe que Deus o amava, e indicando-lhe os perigos em que ele se achava. Laboriosamente, escreveu a Sr.ª White o que lhe fora revelado, terminando a epístola com um apelo a volver dos seus extravios, e andar com o povo de Deus. Por essa época, os White residiam em Battle Creek, Michigan, de modo que a comunicação foi enviada ao Sr. Smith pelo correio.

Quando lhe foi entregue um longo envelope, seus olhos pousaram no endereço do remetente — E. G. White, Battle Creek, Michigan.

«A Sr.ª White escreveu-me um testemunho», pensou consigo, ao mesmo tempo que, zangado, sentiu o sangue subir-lhe às faces, e disse: «não quero nenhum testemunho». Em silêncio, segurou-o por algum tempo nas trémulas mãos, incerto quanto ao que devia fazer.

«Não não o lerei», disse de si para si, e foi apressadamente para casa. Ali chegando, viu uma mala a um canto, e logo pensou o que havia de fazer com a carta. Ergueu, zangado, a tampa, meteu a carta por abrir no fundo e fechou-a à chave. Por vinte e oito anos jazeu aquele testemunho no fundo da mala, por abrir, e sem ser lido.

Ora, Estêvão Smith prosseguiu o seu caminho. Uma pessoa que o conhecia, disse que ele «tinha a língua mais consumidora e cáustica que já encontrei num homem. Podia dizer as coisas mais baixas, na maneira mais baixa e mais cortante que qualquer homem que já encontrei». A sua crítica era particularmente cruel para com a Sr.ª White e o Espírito de Profecia. A Sr.ª Smith, que permaneceu leal à mensagem, e os filhos, sofreram deveras. Manifestando esse espírito e em tal atitude, passou Estêvão Smith o que poderia haver sido o tempo melhor da sua vida. Vinte e sete anos transcorreram. Era 1884, os seus cabelos haviam branqueado, e o dorso curvara-se. Um dia, apanhou da mesa da sala de visitas um exemplar da Review and Herald. Ao volver-lhe as páginas, dando com os olhos no nome de Ellen G. White como autora de um dos artigos, deteve-se para lê-lo e, ao concluir a leitura, disse consigo mesmo: «Isto é a verdade». Na semana seguinte, ele apanhou outro artigo da pena da irmã White, e ele tornou a dizer: «Essa é a verdade de Deus».

Esta é a prova real do Espírito de Profecia, não é verdade? É o modo pelo qual o Senhor fala ao nosso coração por meio das páginas dos livros do Espírito de Profecia, e constitui a mais vigorosa demonstração de que a obra é de Deus.

De semana a semana Estêvão Smith lia. Começou a abrandar nas palavras e nas atitudes. A esposa e os outros observaram a mudança.

No Verão seguinte, 1885, Eugénio W. Farnsworth foi solicitado a voltar à sua igreja natal, em Washington, New Hampshire, para dirigir serviços de reavivamento. Foi com alegria que ele o fez. Fora seu pai, William Farnsworth que, justamente ali, naquela igrejinha, tomara em 1844 a sua dicisão em favor do sábado. Logo se propalou a notícia de que Eugénio Fransworth ia chegar a fim de realizar reuniões. Estêvão Smith, que então residia em Unity, a menos de vinte quilómetros para norte, quis ver novamente Eugénio e ouvi-lo pregar. Conhecera-o quando menino, e vira-o crescer. Assim, o ancião viajou cerca de vinte quilómetros para Washington, a fim de estar presente à reunião a realizar-se no sábado de manhã. Sentou-se entre o auditório, e o pastor Farnsworth pregou. O seu assunto foi o surgimento do Movimento Adventista do Sétimo Dia — um movimento de profecia.

Quando o Pastor Farnsworth concluiu o seu sermão, percebeu-se um sussurro na na assistência: Estêvão Smith esforçava-se por erguer-se. Queria falar, mas o pastor Farnsworth não sabia se devia ousar dar-lhe permissão para isto. Esperava que, se ele falasse fosse uma tirada de ridículo e de crítica, mas pensou que talvez fosse melhor deixar que o homem se aliviasse do seu peso. Eis o que disse Smith.

— Não quero que tenham receio de mim, irmãos, pois não vim para criticá-los — deixei essa espécie de ocupação.

Recapitulou então o passado; disse como se opusera à organização das igrejas e «a quase tudo o mais»; referiu-se à sua ligação com o Grupo do Mensageiro, sua simpatia para com o Grupo Marion, e o ódio que nutria em geral para com a nossa obra e o nosso povo. Afinal, disse, estivera comparando notas por um ano ou dois, e vira esses partidos, um após outros, caírem por terra, e os que com eles haviam simpatizado ficarem em confusão.

«Os factos», disse ele, «são coisas obstinadas. Mas os factos são que aqueles que se opuseram a esta obra deram em nada, e os que a esposaram têm prosperado, tornaram-se melhores, mais devotos e mais semelhantes à Divindade. Os que a ele se opuseram aprenderam ùnicamente a lutar e combater e perderam toda a religião. Nenhum homem sincero pode deixar de ver que Deus está com o movimento do Advento e contra nós, que a ele nos opusemos. Quero estar em comunhão com este povo, no coração e na igreja».

Depois desta confissão pública, Estêvão Smith começou a recapitular a sua experiência passada. Na quinta-feira lembrou-se ele daquela carta no fundo da mala. Pela primeira vez, em vinte e oito anos, quis saber o que estava dentro dentro daquele envelope.

Procurou a chave, e com mão trémula abriu a velha mala, e abaixou-se, tacteando em busca do envelope. Afinal segurou-o, tirou-o, olhou-o por um minuto e depois abriu-o. Tirou às folhas escritas à mão e dobradas, deixou-se cair numa cadeira, e leu.

Ali leu ele uma descrição do que a sua vida havia de ser caso seguisse a direcção que tomara. Ali estava uma exacta descrição do que fora a sua vida, pois não mudara de caminho. Ali leu ele um apelo que volvesse para Deus.

Na manhã do sábado, estava ele de volta a Washington. Não queria perder a reunião. O pastor Farnsworth, que nada conhecia do que lhe ocorrera, pregou acerca do Espírito de Profecia, e mal finalizou, o velho Estêvão Smith estava novamente de pé. Escutai-lhe ao as palavras: «Eu próprio recebi um testesmunho, há vinte e oito anos, levei-o para casa, tranquei-o na minha mala, e nunca o li até à última quinta-feira». Disse que não crera no testemunho embora não soubesse uma palavra do que nele estava. Que tivera medo de lê-lo, por temor de que o enlouquecesse, mas, disse ele, «estive de qualquer maneira mais ou menos louco todo o tempo».

Afinal, disse: «Cada palavra daquele testemunho para mim é a verdade, e eu o aceito. Cheguei afinal àquele ponto em que acredito que os testemunhos são todos de Deus. E se eu tivesse dado ouvidos àquele que Ele me enviou bem como ao resto, ele teria mudado todo o curso de minha vida, e eu teria sido um homem bem diferente. Quem quer que seja sincero, precisa dizer que eles sempre conduzem um homem para Deus e para a Bíblia. Se ele é sincero, dirá isto: se o não diz, não é sincero.

«Se eu lhes tivesse dado ouvidos, isso me haveria poupado um mundo de aflições. O testemunho dizia que não haveria pregação de mais tempo definido depois do movimento de 1844, mas eu pensei que sabia tanto como «as visões de um velha», como eu costumava chamá-la. Que Deus me perdoe. Mas, a meu pesar, verifiquei serem as visões certas, e que o homem que julgava saber tudo estava errado, pois preguei o tempo em 1854, e gastei tudo quanto tinha, quando se os tivesse ouvido, haver-me-ia poupado tudo isso e muito mais. Os testemunhos estão direitos e eu errado.

«Irmãos», concluiu ele, «estou demasiado velho para desfazer o que fiz. Estou demasiado fraco para ir as nossas grandes reuniões, mas quero que digam ao nosso povo em toda a parte que outro rebelde se rendeu».

A nossa primeira reacção foi de alegria por ver que o velho Estêvão Smith, mesmo tarde na vida, veio a ver a luz, e na luz andar. Pensámos depois na situação. Ali, na sua velha mala, fechada e não lida, estava uma mensagem que Deus lhe enviara a fim de salvá-lo de uma direcção errada — mensagem que Deus mandara para beneficiá-lo e guiá-lo — mas ali jazeu, fechada e sem ser lida, e Estêvão Smith prosseguiu na sua direcção. Segundo o seu próprio testemunho essa mensagem, caso a houvesse lido e escutado, ter-lhe-ia mudado a vida.

E penso então na nossa experiência — na vossa e na minha. Acham-se na prateleira os livros do Espírito de profecia — livros cheios

CANTAI AO SENHOR

Novo Hinário da Igreja Adventista do Sétimo Dia

Em 1963 apareceu este novo hinário com música, contendo 620 hinos e assim que apareceram os primeiros exemplares em Angola no ano passado tivemos o ensejo de apreciar o seu valor. Este ano chegaram os exemplares do mesmo hinário, edição sem música de 1964, cuja apresentação é bela e agrada todas as pessoas de fino gosto. Mas o mais interessante é o preço insignificante: Boa capa de linho em preto, harpa e palavras «Cantai ao Senhor» em ouro na frente e no dorso, 620 belos hinos, 50 leituras responsivas constituidas por trechos bíblicos seleccionados para actos especiais de culto a Deus, completo com um índice que facilita o rápido encontro daquilo que se deseja. Tudo está ao alcance dos crentes na edição sem música por VINTE CINCO ESCUDOS, ou seja, menos do que nos custaria capa identica se a mandassemos fazer para outro livro!

E o que encontramos nesse hinário? Os hinos estão divididos em 12 grupos principais, mas estes por sua vez estão subdivididos em vários grupos para facilitar a localização daquilo que se deseja conforme a necessidade que se apresenta. Para ilustrar: o grupo de hinos de culto subdivide-se em hinos de: (1) Adoração e Louvor. (2) Início do Culto. (3) Término do Culto. (4) Culto Matutino. (5) Culto Vespertino. Isto é interessante e evita o perigo de alguem escolher um hino matutino para o culto vespertino, sem falar em outros enganos.

No grupo de hinos sobre o Lar Cristão encontramos as seguintes subdivisões: 1) Lar e Criança. 2) Casamento. 3) Hino para Crianças (Natal). No grupo dedicado a Ocasiões Especiais aparecem hinos para: 1) Dedicação. 2) Funeral. 3) Temperança. 4) Pátria e Patriotismo. 5) Dorcas. 6) Ordenação. 7) Ano Novo.

E quando os prezados irmãos tiverem o hinário na mão poderão apreciar os belos hinos que aparecem sob os outros grupos.

Suprimiram-se 42 hinos que estavam no hinário antigo, pois temos também os hinários «Melodias de Vitória» para os jovens, «Louvores Infantis» e «Crianças Cantai» para os menores e pequeninos.

É evidente que o hinário geral e que melhor se presta para os actos de culto e adoração é o «Cantai ao Senhor». No seu «prefácio» verificamos que grande esforço foi feito para que tivessemos o melhor hinário da existência da nossa igreja. Em «Duas Palavras dos Editores» que aparece logo no princípio da edição com música, lemos: «Os membros da Comissão do «Cantai ao Senhor» fizeram-se credores do sincero reconhecimento desta Editora, a qual pede vénia para destacar o nome de seu presidente, Prof. Flávio Araújo Garcia, e seus proficientes coadjuvantes, Dário Araújo e Tércio Simon. A estes coube a tarefa insana de revisar os hinos antigos e traduzir os novos, adaptando a letra de uns e outros aos exigentes requisitos apontados no Prefácio».

Sabemos de uma igreja que já está a usar os novos hinários o que muito agrada a todos os crentes. E como exgotou-se a edição antiga, sugerimos aos pastores e crentes de nossas igrejas que adquiram «Cantai ao Senhor» antes que o preço suba. Bela edição sem música, 25$00. Edição com música, capa em cabedal, 95$00. Bom e barato!

E. V. Hermanson

---

de conselhos para nós. Caso não se encontrem nas prateleiras, podemos fàcilmente adquiri-los. Esses livros estão cheios de conselhos que resolvem os problemas que nos enfrentam hoje. Estão cheios de luz quanto às experiências que se acham diante da igreja. Dificilmente há uma página que não nos traga uma positiva mensagem ao coração. Decerto, os nossos nomes não se acham aí mencionados, mas as mensagens tratam das nossas experiências. Dão guia e oferecem-nos auxílio na vida cristã e no tomar decisões cada dia. Se deixarmos esses livros nas prateleiras, fechados e por ler, seremos nós de algum modo menos responsáveis do que o foi o velho Estêvão Smith?

Notícias do Campo

Pastor Ernesto Ferreira — O Pastor Ernesto Ferreira, Presidente da União Angolana dos Adventista do Sétimo Dia e Editor deste Boletim, após sete anos e meio de trabalho neste campo, partiu, acompanhado de Sua Ex.ma Esposa, no passado dia 10 de Julho, a bordo do paquete «Príncipe Perfeito», para a Metrópole, em gozo de merecidas férias.

O Pastor Ernesto Ferreira foi incansável durante a sua permanência em Angola e, em cada um de nós deixou um amigo e um admirador. A sua obra fala mais alto do que as nossas palavras. Durante a sua administração o número de membros de igreja duplicou; fundou-se a Casa Publicadora Angolana e instalaram-se as oficinas de tipografia no Bongo; foi iniciada a Escola Rádio-Postal e as palestras da «Voz da Profecia» começaram a ser irradiadas pelas principais emissoras da Província; foi edificado o belo templo de Nova Lisboa e o Colégio Adventista do Huambo; iniciou-se a publicação do Boletim Adventista; oficializaram-se escolas; construiram-se novas centrais; levaram-se a efeito Cursos de Educação Doméstica para esposas de obreiros nativos; enfim, rasgaram-se novos horizontes para o trabalho em Angola.

Assim, quando os obreiros e membros de igreja de Nova Lisboa e Bongo resolveram homenagear o Pastor Ferreira e sua família numa festa de despedida, a decisão não nos surpreendeu.

Desejamos ao Pastor Ferreira e Ex.ma Esposa umas férias abençoadas e damos-lhe a certeza de que, todos nós, ansiamos o seu regresso.

Pastor Armando Casaca — O Pastor Armando Casaca, Presidente da União Portuguesa dos Adventistas do Sétimo Dia, chegou a Angola no passado dia 16 de Julho, vindo da Metrópole, para colaborar nas Reuniões de Reavivamento Espiritual a realizar nos diferentes Campos e igrejas da Província.

O Pastor Casaca é muito conhecido em Angola, pois aqui trabalhou durante muitos anos. Todos nós tivemos muito prazer em abraçá-lo e ficamos a desejar que a sua estadia no nosso meio seja feliz e inspiradora.

Pastor Joaquim Morgado — Após 8 anos de trabalho em Moçambique, regressou a Angola o Pastor Joaquim Alegria Morgado, sua Ex.ma. Esposa e seus dois filhos. O Pastor Morgado fica a viver em Nova Lisboa e desempanhará as funções de Director dos Campos Missionários de Nova Lisboa e Bongo. Na ausência do Pastor Ferreira ocupar-se-á dos departamentos que estavam a seu cargo. Damos as boas-vindas à família Morgado e daqui lhes desejamos as maiores felicidades no desempenho das suas novas responsabilidades.

Pastor António Lopes — Seguiu para Metrópole, em gozo de férias, o Pastor António Lopes, sua Esposa e filhos. O Pastor Lopes, que últimamente dirigia o Instituto do Bongo, vai ao Colégio de Collonges, assistir ao Curso de Verão. Boas férias e feliz regresso, são os nossos votos.

João Cordas Tavares — Acompanhado de sua Ex.ma Esposa e filhinha, partiu para a Metrópole um gozo de merecidas férias, o Ir. João Cordas Tavares que, até aqui, desempenhou as funções de professor na Missão do Cuale.

Campo Missionário de Nova Lisboa

Há cerca de um mês fomos avisados pelo ex-director dos Campos Missionários de Nova Lisboa e Bongo que teriamos as nossas reuniões de reavivamento espiritual no mês de Julho. Como era hábito essas reuniões serem em Agosto, o povo das nossas aldeias quiz saber o motivo porque este ano elas se realizavam mais cedo. A resposta era simples: precisamos de realizá-las mais cedo porque teremos uma visita especial, o Pastor Armando J. S. Casaca, presidente da União Portuguesa. A resposta foi muito animadora para os nossos crentes da área de Caconda, pois o Pastor Casaca é bem conhecido de todos. Assim, sempre que eu visitava uma catequese, depois da saudação, vinha a pergunta: Quando chega o Pastor Casaca?

Camanga é uma catequese com 23 anos de existência. Foi a aldeia escolhida para as reuniões. Os seus habitantes começaram a preparar o recinto, cheios de entusiasmo. Os paus e o capim já não eram tão difíceis de cortar e transportar, na ânsia de ouvir o velho amigo.

Uma manhã cedinho, dirigi-me a Caconda para comunicar ao Exmo. Sr. Administrador do Concelho os nossos planos para a festa religiosa da Camanga. Pela estrada poeirenta e esburacada encontrei-me com vários grupos carregando trouxas e malas às costas. Não foi preciso perguntar para onde iam pois todos sabiam que o destino era a Camanga. Comecei a pensar no tempo de Jesus, quando na companhia de Seus pais e de uma multidão, seguia para Jerusalém. Nesse tempo viajavam a pé grandes distâncias. De igual modo o nosso povo, desta vez, andou 130 e 140 quilómetros para ouvir falar de Jesus e comungar com Ele. Os mais afortunados, viajaram de bicicletas ou tiveram a bondosa ajuda de comerciantes amigos que puseram as suas camionetas à disposição do povo.

No dia 19 de Julho, à tarde, a aldeia tinha mais de um milhar de visitas. Não havia alojamentos suficientes para todos. Os moradores da Camanga cederam as suas casas às visitas e, durante as reuniões, dormiram fora, nos *ocumbo* (cerca de paus). Por todos os lados ouviam-se hinos de louvor a Deus.

De repente surgiu o carro dos missionários. Que alegria! Todos os olhos convergiram para os faróis do carro e todos se alegraram. As crianças pulavam de contentamento. Após os cumprimentos, deu-se o início à primeira reunião.

O Sr. Director do Instituto do Bongo e nosso ex-director, levantou-se para apresentar as visitas: Pastor A. J. S. Casaca e J. A. Morgado. Seguidamente o Pastor Casaca saudou a assistência e o novo director do Campo, Pastor Morgado, prègou a mensagem da noite.

Seguiram-se as reuniões e, durante elas, tivemos o privilégio de ouvir contar como Deus está operando grandes milagres nos corações dos habitantes da Metrópole e Moçambique.

No último dia das nossas reuniões tivemos o prazer de ver um bom grupo de jovens ser investido em diversas classes progressivas da Sociedade dos Missionárias Voluntários

A reunião de consagração foi feito pelo Pastor Casaca e, à tarde, tivemos a dita de ver 104 almas descerem às águas baptismais. É sempre animador ver homens e mulheres abandonarem o mundo e entregarem-se a Jesus. No final procedeu-se à recepcção dos membros que vieram engrossar as fileiras do Advento.

Chegou, finalmente, o momento das despedidas. Muitos dos nossos irmãos tinham lágrimas nos olhos quando os Irmãos Casaca e José Eduardo Rodrigues se despediram.

Foi a primeira reunião a ser realizada este ano no Campo Missionário de Nova Lisboa. Outras se seguirão. Também serão realizadas noutros campos.

Prezado leitor, procura assistir às reuniões de reavivamento espiritual este ano, porque receberás uma grande benção, com toda a certeza.

Vosso irmão e colaborador,

Samuel Sequeira Siria

Actividades Missionárias

Terminou há pouco em Luanda, Lobito, Benguela, Nova Lisboa e Sá da Bandeira o esforço de evangelização feito pelos obreiros dessas igrejas coadjuvados por bom número de obreiros voluntários que treinaram. As reuniões aos Domingos à noite na Caála foram feitos pelo Pastor Joaquim Miranda, que pode contar, na medida do possível, com a colaboração do coro da igreja de Nova Lisboa.

Como resultado da distribuição sistemática de folhetos, de porta em porta, e contactos missionários feitos por leigos e obreiros, a assistência não só foi boa às reuniões, como tem despertado bastante interesse. Já estão a funcionar nesses lugares classes baptismais, além dos estudos bíblicos em casas particulares. Aguarda-se uma preciosa colheita de almas para o reino de Deus.

Sob a dinâmica orientação do obreiro de Luanda, os membros dessa promissora igreja angariaram ùltimamente centenas de inscrições para a Escola Rádio-Postal. Muito obrigado, Luanda. Esta Escola tem muito prazer em cooperar com todas as igrejas, instituições e campos missionários como sua mão direita para uma maior e melhor evangelização.

Sob a liderança do pastor, os membros da igreja de Luanda tem estado a fazer a campanha das missões nas zonas residenciais daquela cidade com bons resultados. Jovens e adultos regressam desse trabalho radiantes de entusiasmo ante as experiências que estão a ter no seu contacto com o público.

Funcionou durante este ano na igreja de Nova Lisboa um curso de obreiros voluntários sob a eficiente direcção do seu pastor. Fez-se no Sábado 26 de Junho uma reunião especial para comemorar a conclusão desse curso e contemplar os 37 «discípulos» com um diploma e o emblema dos 120.

A propósito, muito gratos ficariamos se os obreiros enviassem para as colunas deste Boletim notíciais do que está a ser feito nos diferentes aspectos missionários no seu território.

Alguns colportores estão a ter experiências interessantes. Além de colocar livros nos lares fazem inscrições para a Escola Rádio-Postal, dão estudos bíblicos, interessam seus clientes pela Mensagem e levam-nos à igreja. É o que Deus espera dos evangelistas da página impressa. Não vendem livros apenas. Servem-se desses contactos para encaminhar almas a Cristo. São fiéis colaboradores dos pastores de suas igrejas, cumprindo fielmente os altos ideais da sua vocação.

Agradecemos aos leitores lembrarem-se sempre de orar a favor de todas as actividades missionárias da igreja e a favor do importante trabalho que estão a fazer os colportores, verdadeiros vanguardeiros da Mensagem de Esperança.

E. V. Hermanson

Benguela e Lobito

As igrejas continuam activamente ao trabalho, assistindo-se a um ressurgimento espiritual.

Terminados os cursos de pregadores voluntários, sairam ao trabalho uma dúzia de obreiros voluntários, que ininterruptamente desde o início do curso têm estado a prestar as suas provas — uns distribuíndo literatura, outros dando estudos bíblicos em 15 lares.

Como resultado há almas frequentando a igreja.

As igrejas estão orando desde o alvorecer até ao pôr do sol. Em cada meia hora os crentes elevam suas preces para que seja possível baptizar 25 almas durante o ano corrente; pelo regresso daqueles que o mundo tragou; pelo

esforço de evangelização que está a decorrer; etc.

Grande parte dos crentes aderiu ao grupo dos que desejam ter sua vida semelhante à de Cristo e inquirem a cada momento: « Em meus passos que faria Jesus?»

Todos os Sábados após o culto há uma reunião de oração deste grupo de crentes e como resultado uma alma resolveu deixar o mundo para se entregaar exclusivamente a Jesus. Que Deus a proteja e lhe dê força para vencer.

Muito esperamos destas reuniões de oração.

Todas as sextas-feiras, ao pôr do sol, muito dos irmãos reunem-se na igreja para louvar a Deus.

Em 17 de Abril, com a presença do nosso irmão Presidente da União Angolana, Pastor Ernesto Ferreira, baixaram às águas baptimais três jovens que selaram com o Mestre sua entrega incondicional.

Uma jovem, Teresinha Vassalanje, foi a primeira cuanhama ganha para Jesus.

Os jovens de Benguela realizaram depois uma cerimónia entregando a cada novo irmão, ao som do hino 255, o «facho da verdade».

Os M. V. de Benguela realizaram uma festa ao ar livre e entre as peças apresentaram uma adaptação do «Auto da Barca». Foi uma noite inolvidável para quantos assistiram.

O Esforoç de Evangelização iniciou-se no primeiro Domingo de Maio. Boa frequência, principalmente no Lobito, onde a sala tem estado repleta e muitos se têm inscrito no Curso da Escola Rádio - Postal. Devemos salientar a presença de um sacerdote católico, que comprou uma Bíblia e assistiu à primeira conferência com muito interesse.

Deus permita que encontremos almas sinceras e nobres ansiando conhecer o caminho para o reino dos Céus.

Continuam a ser visitados os hospitais e as prisões.

«Bendize, ó minha alma, ao Senhor.» Sal. 103:1.

José Pedro Falcão Sincer

Campo Missionário do Bongo

As convenções deste ano tiveram lugar de 6 a 18 de Junho.

Tivemos o grande privilégio de termos connosco o Pastor Ernesto Ferreira e sua Ex.ma Esposa, D. Irene Ferreira. Alguns dos nossos membros viram o Pastor Ferreira pela primeira vez. Talvez esta afirmação pareça incrível mas é verdadeira. O nosso presidente é muito conhecido em Angola mas, sempre que se preparava para visitar o Campo Missionário do Bongo, mesmo ao pé de casa, outros Campos mas longe demandavam a sua presença e, assim, o Campo do Bongo foi ficando para trás. Vistas bem as coisas, foi melhor assim. Tivemos o privilégio de sermos os últimos a dizer-lhes adeus e a desejar-lhes umas férias bem passadas e um feliz regresso.

A primeira convenção teve lugar em Lussalali, na área do Cuma. Ali encontramos o povo reunido com os pastores Leonardo Chicondo, Leonardo Mines, Vasco Sepalanga, Ancião Boaventura Venâncio e catequistas da área. Após o jantar ouvimos uma prègação pelo Pastor Ferreira e, depois, vimos filmes religiosos que foram muito apreciados.

Grande foi a admiração do povo quando ouviu o casal Ferreira a cantar em Umbundu, com o sotaque dos *ovimbundos* clássicos.

Seguimos depois para Catocola, onde já estavam os pastores Ricardo Ecupa, Carlos Sequesseque, Aurélio Muhunga, e Ancião Paulino Samuel. Catocola é visinha de Emanha, povoação comercial na estrada de Longonjo a Caconda. Tivemos aí uma dificuldade, devido à falta de ponte sobre o rio Cuíva. Aí admiramos a agilidade da Sra. D. Irene ao pular de pedra em pedra até alcançar a margem oposta.

Depois das reuniões atravessamos novamente o *Cuíva,* que significa ladrão. E que ladrão! Um dos nossos irmãos ficou molhado até à cintura e perdeu uma camisola roubada pelo rio. Não nos demos por vencidos e fomos recuperá-la no fundo das suas águas barrentas.

A terceira convenção foi no Londondo. A nota saliente desta convenção foi a reunião dos Missionários Voluntários, dirigida pelo jovem professor João Ribeiro Rodrigues.

Tivemos outra convenção em Sunguete, Posto da Catata. Assistimos à consagração de dois anciãos, feita pelo pastor E. Ferreira e de dois diáconos, feita pelo nosso director José E. Rodrigues e pelos pastores presentes.

A última convenção foi em Chilau, área do Cuíma. Nesta, como nas outras, notamos a presença do Espírito Santo. O nosso povo ficou mais animado e agradeceu a presença das visitas.

O nosso presidente e sua esposa seguirão brevemente para o continente europeu. Mais tarde seguirá o seu filho, jovem Teófilo Ferreira. São férias merecidas. A palavra inspirada do Pastor Ferreira continuará a ressoar aos nossos ouvidos e a memória da sua dedicação e interesse pelos problemas africanos não se apagará das nossas mentes.

Eis o que ouvimos alguns crentes dizer: «Muito obrigado pelo vosso trabalho. Não temos nada para vos oferecer em troca mas damo-vos o nosso coração para que se junte com o vosso, esperando por Jesus»!

Que Deus acompanhe e abençõe a família Ferreira.

Consagração de anciãos

Foram consagrados como anciãos, durante a Convenção de Sunguete, os irmãos Feliciano Ribeiro e Josué Epalanga. A cerimónia foi dirigida pelo pastor Ernesto Ferreira.

Durante as reuniões de reavivamento espiritual da Camanga, sob a direcção do pastor Armando Casaca, foi consagrada como ancião, o irmão Raimundo Chingolo, do Lele.

Que Deus abençõe e dirija o ministério destes servos Seus.

Isaque D. Tadeu

Missão do Bongo

«Como água fria para uma alma cansada, tais são as boas novas de terra remota». Provérbios 25:25.

Quantos leitores do nosso Boletim não sentirão a verdade destas palavras ao lerem notícias da Missão do Bongo? Certamente grande é o número daqueles para quem a Missão do Bongo — a nossa querida Missão do Bongo — não é terra remota no sentido de ser uma terra desconhecida, mas para outros é realmente uma terra remota, distante, conhecida só pelos relatos saudosos que fazem os que aqui passaram alguns anos preparando-se para a Obra de Deus.

A todos queremos dar hoje algumas notícias, crentes de que elas irão, a uns avivar saudades de um passado feliz, a outros despertar o desejo de virem também a conhecê-la e fruirem os benefícios de uma preparação eficiente para a grande tarefa que o Amado Mestre nos designou: «Ide por todo o Mundo, pregai o Evangelho a toda a criatura». S. Marcos 16:15.

O ano lectivo findou; os alunos do Curso Bíblico tiveram a sua festa, a Graduação.

O sermão foi feito pelo presidente da União Angolana, Pastor Ernesto Ferreira. O tema do sermão foi a ideia expressa na parte final do versículo 14 do capítulo 4 do Livro de Ester: «E quem sabe se para tal tempo como este chegaste a este reino?»

Com a Igreja do Instituto repleta, todos atentos ouvimos uma bela mensagem, na qual os jovens finalistas, em número de 19, foram exortados a ser fiéis à sua vocação.

Cada classe de alunos do Curso Bíblico cantou um Hino especial e após a Oração de Consagração, feita pelo Dr. R. B. Parsons, todos os alunos do Curso, num belo conjunto, cantaram um outro Hino que nos falava do prazer e da alegria que sentiremos ao ver *Jesus*.

Na tarde desse dia, 30 de Maio, realizou-se uma Exposição na qual tivemos oportunidade de ver o fruto dos labores das meninas que frequentaram as aulas de costura: cerca de 250 peças várias, entre as quais trabalhos em lã, bordados à mão e bordados à máquina, peças de vestuário de criança, aventais, toalhas, aventais-saco, sacos para pão e sacos para molas da roupa, saias, etc.

De notar que os três primeiros meses foram utilizados na aprendizagem dos diferentes pontos. Os 112 panos de aprendizagem davam testemunho do progresso feito pelas alunas, 77 das quais eram internas. De Janeiro a Maio fizeram elas as peças a que nos referimos, entre as quais se podiam ver trabalhos excelentes.

De parabéns ficaram, pois, as meninas!

Julgamos oportuno fazer referência ao esforço de quantos abnegadamente trabalharam para que a Graduação deste ano ficasse famosa, mas desejamos, sem que o facto traduza menos apreço pela actuação de qualquer dos outros, fazer especial menção do génio artístico do Ir. Amilcar G. Lopes. Desenhou com giz de cor no quadro preto da sala em que se realizou a Exposição de Lavores Femininos, uma máquina de costura à qual só faltava... coser!

Deram-nos a honra da sua presença, quer à Exposição, quer à reunião de M. V., quer ainda à cerimónia da Graduação muitas visitas, dentre as quais queremos destacar o Snr. Administrador do Concelho.

Muito obrigado a todos.

O Snr. Pastor António C. Lopes e sua Esposa D. América R. Lopes são credores da nossa gratidão pelo bom trabalho que realizaram durante o tempo em que aquele nosso Irmão foi Director da Missão. E agora que eles se encontram de férias, desejamos que DEUS os abençôe e traga em breve com renovado ânimo para este vasto e necessitados Campo em que têm servido.

O novo Director da Missão do Bongo, Ir. José Eduardo Rodrigues tem diante de si uma árdua tarefa e para o ajudar todos quantos aqui trabalham para CRISTO estão dispostos a apresentar-lhe a melhor colaboração. A sua juventude é penhor de continuidade no esforço e a sua experiência a garantia de que há-de sempre buscar no secreto conselho do SENHOR DEUS a ajuda para sàbiamente guiar esta Missão.

«A graça de nosso SENHOR JESUS CRISTO seja com todos vós. Amem.» (Apocalipse 22:21)

Vosso conservo em JESUS

O. Albuquerque

Aguardando a ressurreição

Luanda

No dia 8 de Abril faleceu, com 80 anos de idade, a nossa querida Irmã Maria Valente que fora baptizada em Novembro de 1961.

Aos nossos prezados Irmãos Albina Valente Dias, sua filha, e António Pereira Dias, seu genro apresentamos as nossas sentidas condolências.

Após muitos meses de doloros o sofrimento adormeceu no Senhor, no dia 18 de Abril, a Irmã Cândida dos Santos. Baptizada por imersão, na Igreja Pentecostal de Mirandela, entrou em contacto com a Fé Adventista há dois anos através dum casal adventista, seus companheiros de viagem. Ao desembarcar, era já adventista convicta. Recebeu, com alegria, a luz do Sábado e outras verdades que, até então, desconhecia. Há cerca de um ano, foi internada no Hospital Central de Luanda, vítima de uma doença que não perdoa. Sempre acarinhada pela Igreja, esta Irmã deu um extraordinário testemunho junto das suas colegas de infortúnio e até mesmo junto do pessoal de enfermagem, que a considerava uma doente diferente das outras! Só a eternidade poderá revelar, exactamente. até que ponto a sua resignação, a sua paciência e a sua grande fé, foram uma bênção para quantos com ela privaram de perto. Não temos dúvidas de que lhe está reservada uma coroa de glória!

J. Gomes